

Revista



VI CBJA

Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental

2015

“Mundo em Transição”



Realização
envolverde
Jornalismo & Sustentabilidade



CONVIDADOS

VI CBJA

Congresso Brasileiro
de Jornalismo Ambiental



Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental
"Mundo em Transição"

Curadoria

Dal Marcondes
 Ana Carolina Amaral
 Neuza Árbocz

Organização e supervisão

Ana Maria Vasconcellos
 Marina Teles

Administração

Fábio Salama

Colaboração

Reinaldo Canto
 Rita Nardy
 Silvia Marcuzzo
 Rachel Añón

Arte e Design

Denise Teles

Operação



Expediente

Jornalista Responsável
 Dal Marcondes

Produção
 Marina Teles

Secretaria Executiva
 Ana Maria Vasconcellos

Diagramação
 Denise Teles

APOIO



Ministério do
 Meio Ambiente



PARCERIA



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



CORREALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



Jornalismo: desafios para a sobrevivência

por Dal Marcondes

Um debate presente em qualquer roda de jornalistas é sobre a sobrevivência dos jornais. No entanto, não importa qual será o suporte da notícia amanhã, se estará em uma folha de papel, em um tablet, em um celular ou projetada diretamente na retina. Nem mesmo importa se estará representada em um vídeo, em um podcasts ou em texto. O que realmente importa é se ela terá um compromisso claro com o desenvolvimento da humanidade em um planeta que caminha para 9 bilhões de pessoas em pouco mais de 30 anos. O jornalismo é parte fundamental da construção do processo civilizatório, com ele a democracia ganhou um olho vigilante ao longo dos séculos, e sua desconstrução não interessa a nenhuma sociedade.

A transformação do jornalismo em entretenimento por conta da necessidade de mais e mais público, demanda do mercado publicitário, não favorece a

construção de sociedades melhor informadas, pelo contrário, desvanece o senso crítico e facilita o distanciamento entre percepção e os fatos. O jornalismo que se necessita para as transformações de modelo econômico e socioambiental demanda recursos que o atual modelo de financiamento dos meios não é capaz ou não deseja oferecer. Aliás, independente do jornalismo que se pratique, atualmente existe uma crise que se alastrá pelo modelo de negócio de empresas de comunicação, que se aproxima mais da oferta de entretenimento, em detrimento da oferta de informação. Por toda parte no Brasil se vê jornais e revistas e sites de internet em crise financeira, não importa o direcionamento do jornalismo que pratiquem. Os mais comprometidos são certamente aqueles que atuam com a cobertura de políticas públicas, principalmente em meio ambiente, educação, saúde e outros temas de desenvolvimento humano. O

desafio para os jornalistas nessas áreas não está apenas em oferecer conteúdos de qualidade para a sociedade, mas também em encontrar modelos para financiar o trabalho jornalístico, desde a reportagem até a entrega para o público, seja em que formato for.

O jornalismo vive um paradoxo interessante. Nunca foi tão fácil oferecer conteúdos à sociedade, seja em textos, vídeos,

“O jornalismo é parte fundamental da construção do processo civilizatório, com ele a democracia ganhou um olho vigilante ao longo dos séculos”



podcasts ou mídias sociais. A internet abriu um universo de possibilidades para a criação de novos meios e modelos para informar. No entanto, essa facilidade para contornar principalmente os antigos meios caros e de logística complicada, acabou por desconstruir também os modelos de negócios que tradicionalmente financiam o jornalismo. Então, o jornalismo ficou mais fácil por um lado e difícil por outro.

A produção de reportagens de boa qualidade apresenta custos, principalmente em um país continental e que tem metade do território coberto pela maior floresta tropical do planeta. Além disso, é sempre necessário lembrar que o jornalismo, considerado por alguns como um sacerdócio, é também uma profissão, um ganha pão que precisa ser remunerado. O jornalismo ambiental é, antes de tudo, jornalismo e precisa ser tratado como tal, apuração dentro de preceitos do pluralismo, checagem de informações e

investigação de campo. Mesmo que alguns profissionais que cobrem meio ambiente encarem o exercício do jornalismo como uma espécie de militância ambiental, posição que não subscrevo, se não houver fontes de financiamento para a busca e apuração de reportagens, será um trabalho sem o fôlego necessário para oferecer à sociedade opções de informações consistentes e

que possam servir como base para a tomada de decisão pelos leitores. Há que se ter em conta que uma das principais funções do jornalismo é oferecer à sociedade informações de qualidade para que as pessoas possam se basear nelas para tomar decisões do cotidiano.

O exercício do jornalismo na área ambiental não se diferencia do trabalho de informar em qualquer outra área de políticas públicas e



interesse para o processo civilizatório das nações. É preciso ter profissionais qualificados e remunerados para o trabalho que exercem. O principal dilema do jornalismo hoje é encontrar modelos de sustentação para essa atividade fundamental. A sociedade precisa do jornalismo, de informações qualificadas, checadas e baseadas em pautas relevantes.

Dal Marcondes



Dal Marcondes é jornalista, passou por diversas redações como repórter e editor de economia e desde 1995 dirige o Portal Envolverde, publicação dedicada ao Jornalismo & Sustentabilidade.

Jornalismo: desafios para a sobrevivência

por Dal Marcondes

Um debate presente em qualquer roda de jornalistas é sobre a sobrevivência dos jornais. No entanto, não importa qual será o suporte da notícia amanhã, se estará em uma folha de papel, em um tablet, em um celular ou projetada diretamente na retina. Nem mesmo importa se estará representada em um vídeo, em um podcasts ou em texto. O que realmente importa é se ela terá um compromisso claro com o desenvolvimento da humanidade em um planeta que caminha para 9 bilhões de pessoas em pouco mais de 30 anos. O jornalismo é parte fundamental da construção do processo civilizatório, com ele a democracia ganhou um olho vigilante ao longo dos séculos, e sua desconstrução não interessa a nenhuma sociedade.

A transformação do jornalismo em entretenimento por conta da necessidade de mais e mais público, demanda do mercado publicitário, não favorece a

construção de sociedades melhor informadas, pelo contrário, desvanece o senso crítico e facilita o distanciamento entre percepção e os fatos. O jornalismo que se necessita para as transformações de modelo econômico e socioambiental demanda recursos que o atual modelo de financiamento dos meios não é capaz ou não deseja oferecer. Aliás, independente do jornalismo que se pratique, atualmente existe uma crise que se alastrá pelo modelo de negócio de empresas de comunicação, que se aproxima mais da oferta de entretenimento, em detrimento da oferta de informação. Por toda parte no Brasil se vê jornais e revistas e sites de internet em crise financeira, não importa o direcionamento do jornalismo que pratiquem. Os mais comprometidos são certamente aqueles que atuam com a cobertura de políticas públicas, principalmente em meio ambiente, educação, saúde e outros temas de desenvolvimento humano. O

desafio para os jornalistas nessas áreas não está apenas em oferecer conteúdos de qualidade para a sociedade, mas também em encontrar modelos para financiar o trabalho jornalístico, desde a reportagem até a entrega para o público, seja em que formato for.

O jornalismo vive um paradoxo interessante. Nunca foi tão fácil oferecer conteúdos à sociedade, seja em textos, vídeos,

“O jornalismo é parte fundamental da construção do processo civilizatório, com ele a democracia ganhou um olho vigilante ao longo dos séculos”



podcasts ou mídias sociais. A internet abriu um universo de possibilidades para a criação de novos meios e modelos para informar. No entanto, essa facilidade para contornar principalmente os antigos meios caros e de logística complicada, acabou por desconstruir também os modelos de negócios que tradicionalmente financiam o jornalismo. Então, o jornalismo ficou mais fácil por um lado e difícil por outro.

A produção de reportagens de boa qualidade apresenta custos, principalmente em um país continental e que tem metade do território coberto pela maior floresta tropical do planeta. Além disso, é sempre necessário lembrar que o jornalismo, considerado por alguns como um sacerdócio, é também uma profissão, um ganha pão que precisa ser remunerado. O jornalismo ambiental é, antes de tudo, jornalismo e precisa ser tratado como tal, apuração dentro de preceitos do pluralismo, checagem de informações e

investigação de campo. Mesmo que alguns profissionais que cobrem meio ambiente encarem o exercício do jornalismo como uma espécie de militância ambiental, posição que não subscrevo, se não houver fontes de financiamento para a busca e apuração de reportagens, será um trabalho sem o fôlego necessário para oferecer à sociedade opções de informações consistentes e

que possam servir como base para a tomada de decisão pelos leitores. Há que se ter em conta que uma das principais funções do jornalismo é oferecer à sociedade informações de qualidade para que as pessoas possam se basear nelas para tomar decisões do cotidiano.

O exercício do jornalismo na área ambiental não se diferencia do trabalho de informar em qualquer outra área de políticas públicas e de

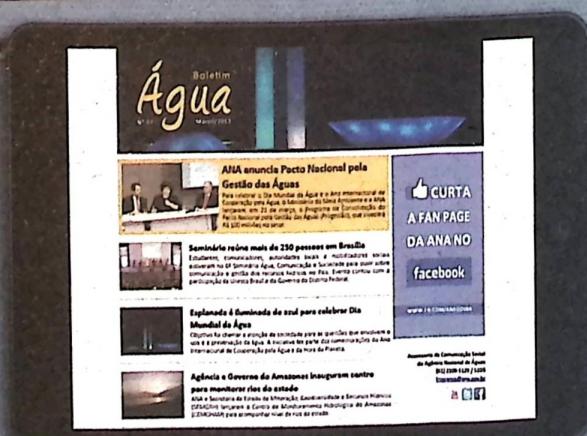
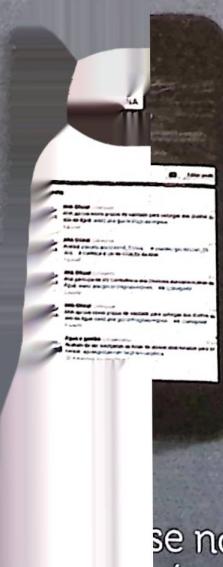
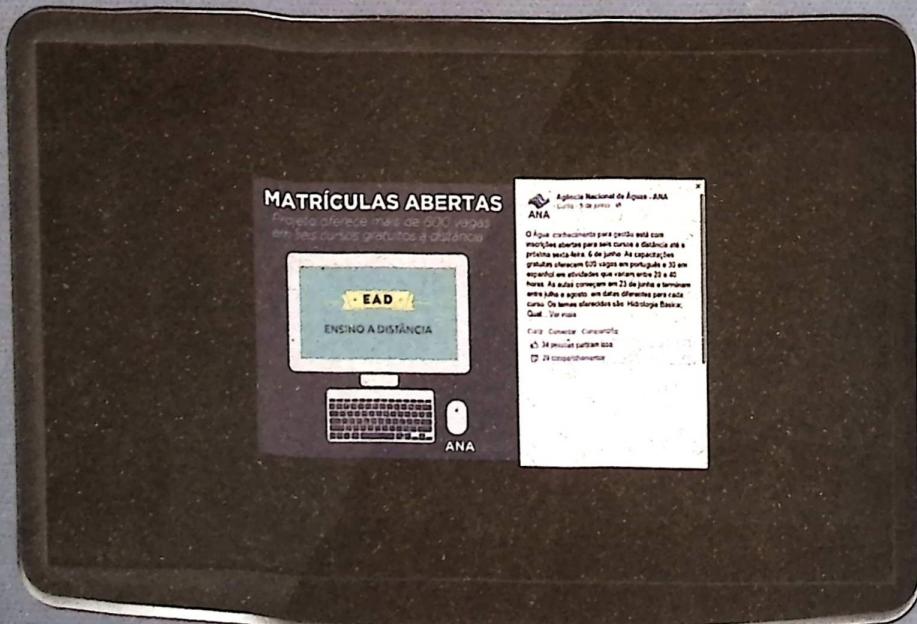
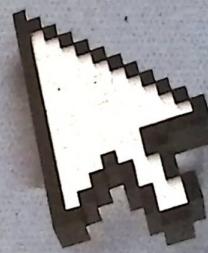
interesse para o processo civilizatório das nações. É preciso ter profissionais qualificados e remunerados para o trabalho que exercem. O principal dilema do jornalismo hoje é encontrar modelos de sustentação para essa atividade fundamental. A sociedade precisa do jornalismo, de informações qualificadas, checadas e baseadas em pautas relevantes.

Dal Marcondes



Dal Marcondes é jornalista, passou por diversas redações como repórter e editor de economia e desde 1995 dirige o Portal Envolverde, publicação dedicada ao Jornalismo & Sustentabilidade.

Notícias da ANA a um clique de distância



Se inscreva no site boletimaguas.ana.gov.br/cadboletim para receber o Boletim Água em seu e-mail e fique informado sobre as principais notícias da ANA. Acompanhe a ANA no Facebook, no Twitter e no Youtube.

[facebook.com/anagovbr](https://www.facebook.com/anagovbr)

twitter.com/anagovbr

[youtube.com/anagovbr](https://www.youtube.com/anagovbr)

A Parte que nos cabe

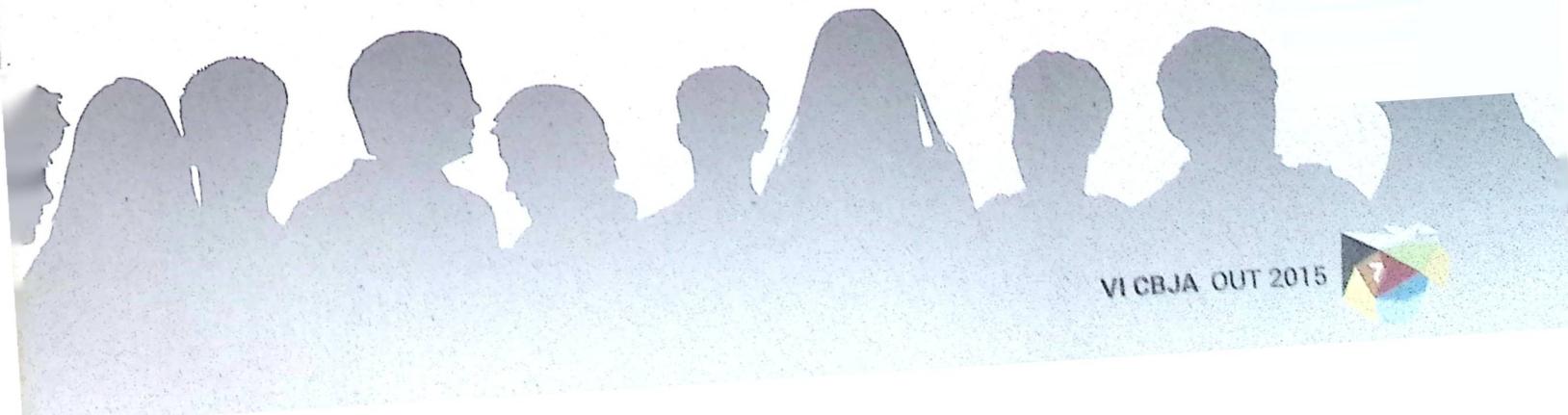
por André Trigueiro

O que o lançamento da primeira bateria solar doméstica em escala industrial, o derrame diário de 5 mil piscinas olímpicas cheias de esgoto sem tratamento nos rios do Brasil, e o fato de a Suécia só destinar a aterros sanitários menos de 1% de todo o lixo doméstico de seus cidadãos têm em comum? Alguém poderá dizer apressadamente que são assuntos ligados ao meio ambiente e que merecem até ser classificados como "notícia". Esta seria a resposta óbvia. Mas para nós, jornalistas inscritos ou interessados em acompanhar à distância mais um Congresso

“ o grande desafio continua sendo a abordagem sistêmica, ampla, não linear, contundente e propositiva... ”

Brasileiro de Jornalismo Ambiental, o grande desafio continua sendo a abordagem sistêmica, ampla, não linear, contundente e propositiva, que denuncia o esgotamento de um modelo de desenvolvimento que não respeita os limites do planeta, e que, ao mesmo tempo, precisa sinalizar rumo e perspectiva, apontar caminhos, inspirar soluções para a maior crise ambiental da História da Humanidade.

Do primeiro Congresso em Santos (2005) até hoje, o universo do jornalismo tem sido alvo de sucessivos terremotos que abalam o mercado e reconfiguram o modelo de negócios. As novas plataformas digitais, a universalização do acesso a internet, a multiplicação ilimitada de "provedores de conteúdo" nas redes, novas estratégias de comunicação e de financiamento das mídias, o questionamento do diploma como condição para o exercício do jornalismo, entre outras questões, indicam que este ofício no século XXI será – em alguns casos já está sendo – algo bem diferente do que vimos até hoje. Mudanças estruturais relevantes que não abalam os princípios do bom jornalismo nem o



“A crise ambiental, porém, avança. E o que se espera do jornalista – em qualquer época e sob quaisquer circunstâncias - é que esteja apto a ser um bom ‘contador de histórias’”

interesse crescente da sociedade pela informação útil e bem apurada.

A crise ambiental, porém, avança. E o que se espera do jornalista – em qualquer época e sob quaisquer circunstâncias - é que esteja apto a ser um bom “contador de histórias”. Quais as histórias que precisam ser contadas quando o assunto é “sustentabilidade”? Invariavelmente aquelas que contrariam poderosos interesses

econômicos e políticos por detrás da crise climática (principalmente o lobby dos combustíveis fósseis), da escassez de recursos hídricos (a própria ONU aponta a “má gestão” como a principal causa da indisponibilidade de água potável para aproximadamente 1 bilhão de pessoas), da destruição voraz da biodiversidade (madeireiras, mineradoras, ruralistas, etc), da produção monumental de lixo e dos valores prevalentes da sociedade de consumo (falta espaço aqui para enumerar todos os interessados no “business as usual” por trás do consumismo), entre outros “alvos” desse gênero de jornalismo.

O exercício dessa nobre atividade reclama atualização constante, um autodidatismo quase “quixotesco”, idealista, normalmente sem apoios, e que vislumbra como recompensa a sensação de dever cumprido. Dá pra imaginar assunto mais urgente do que denunciar o risco real e mensurável de um colapso global? Haveria algo mais importante do que inspirar novos hábitos, comportamentos, estilos de vida e padrões de consumo em favor de um mundo melhor e mais justo? Se para você a resposta para essas duas perguntas é “não”, bem-vindo ao time. Estamos juntos.

André Trigueiro

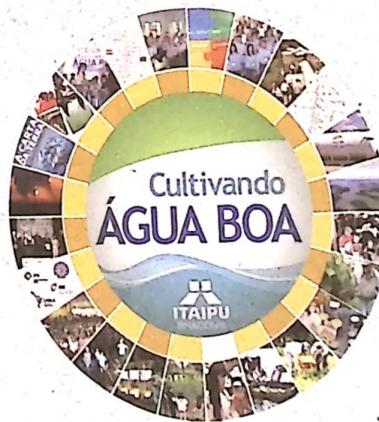
Jornalista, editor-chefe do programa Cidades e Soluções da Globo News.



O mundo tem um bom exemplo. E a Itaipu, um grande reconhecimento.

Cultivando Água Boa.

Vencedor do Prêmio da ONU como melhor prática do mundo na gestão das águas.



Em meio a uma grande preocupação com os recursos hídricos no mundo, surge uma grande notícia: a Itaipu Binacional e seus parceiros receberam o Prêmio Water For Life (Água para a Vida) da Organização das Nações Unidas - ONU, na categoria "melhores práticas de gestão das águas e desenvolvimento sustentável". Mais do que orgulho, esse prêmio nos dá a certeza de que estamos no caminho certo da preservação e da sustentabilidade do planeta.

UN WATER



WATER FOR LIFE
2005-2015

Viva sua sede de um
futuro sustentável,
sede de preservar,
sede de viver bem.
Viva sua sede de fazer
um mundo melhor.

A BRASIL KIRIN, EMPRESA QUE TRABALHA TODO DIA PARA INOVAR

E FAZER CADA VEZ MELHOR, CONVIDA VOCÊ A PARTICIPAR DESSE MOVIMENTO.

NÃO MATE SUA SEDE, VIVA TODAS ELAS.

Formação e Transformação

Jornalismo@Gaia: a missão do repórter em tempos de reconexão
por Ana Carolina Amaral

“Aqui tem Wifi?”. Essa virou a primeira pergunta a ser feita quando pisamos em um café ou até em uma praça pública. Caminhamos para uma sociedade em rede, que se encontra no meio digital para se relacionar, acessar informação e debatê-la. Vivemos tempos de alta conexão tecnológica e extrema desconexão com o ambiente natural: mal conhecemos nossos vizinhos; não sabemos de onde vem a comida que almoçamos. Nessa situação, como podemos entender o que está acontecendo com o mundo? Com o Wifi já conectado, lá vai a próxima pergunta básica: onde fica o repórter nestes tempos de incerteza?

O jornalista do século XXI não é desafiado apenas pela Internet,

mas por uma crescente complexidade da realidade humana e planetária. Crises ambientais, sociais, políticas e econômicas emergem com mais velocidade e menos previsibilidade. A tecnologia é produtora e produto deste mesmo cenário, que nos exige novas habilidades de apuração e também uma nova relação com o público.

O profissional que sobreviver a essas mudanças não vai apenas narrar os fatos; ele vai reinventar a profissão. A missão é entender sistematicamente o que está acontecendo nas redes digitais, sociais e naturais; ligar os pontos entre elas e produzir sentido. O equipamento básico para cumprir os desafios do nosso tempo consiste basicamente

em novos óculos, calibrados para perceber as relações humanas e da teia de Vida que nos sustenta. Notícias só fazem sentido em seus contextos e o Jornalismo precisa urgentemente se ambientar no seu contexto inexorável: Gaia.

Teóricos da Ecologia Mediática defendem que a Internet pode colaborar para a percepção de que somos parte de uma rede interdependente.

“Ainda se aguarda os sinais de implementação dessa estratégia que busca adaptar o Jornalismo ao seu tempo”

“O profissional que sobreviver a essas mudanças não vai apenas narrar os fatos; ele vai reinventar a profissão.”



O detalhe é que qualquer simulacro de um ecossistema só existe dentro do ecossistema maior e planetário. E é essa localização – dentro – que precisamos recuperar quando contextualizamos a vida humana. O desafio de desenvolver uma consciência ecológica dentro de um simulacro que ignora seu contexto iminente é paradoxal. Uma aposta possível são os aparelhos de internet móvel, que permitem aliar as realidades online e offline, abrindo um imenso campo para a criatividade dos jornalistas digitais dedicados à sustentabilidade.

Já no campo da formação, um grande avanço é a exigência do ensino de "desenvolvimento sustentável", citada pela primeira vez em uma resolução do Ministério da Educação em setembro de 2013 sobre novas dire-

“mais do que formar jornalistas, é preciso transformá-los, habilitando-os para um olhar transversal que ligue os pontos e, em um mar de informações soltas, produza conhecimento”

trizes para a graduação em Jornalismo. Ainda se aguarda os sinais de implementação dessa estratégia que busca adaptar o Jornalismo ao seu tempo. A mudança é urgente. Afinal, os jornalistas de hoje já lidam e vão ter que lidar cada vez mais com fatos climáticos, hídricos, alimentares, entre outros. Como vimos na cobertura da crise hídrica em São Paulo, a imprensa convencional ainda é extremamente despreparada para reportar as implicações de fe-

nômenos que são, ao mesmo tempo, econômicos, sociais, políticos e ambientais.

Entender o vocabulário básico da sustentabilidade é um primeiro passo. O grande desafio, no entanto, é superar o analfabetismo ecológico funcional; é ler e interpretar a realidade compreendendo as forças sociais e ambientais que a moldam. As múltiplas crises que o mundo experimenta carregam, no pano de fundo, uma crise ambiental sem precedentes na His-

tória e resultante em última instância de um entendimento fragmentado e mecanicista sobre a Vida. Para fornecer perspectivas sobre uma crise, é preciso enxergá-la de fora da armadilha. Ou como disse Albert Einstein, “não se pode resolver um problema com o mesmo pensamento que o criou.”

Enquanto o trabalho jornalístico nasceu para apurar e narrar o que acontece nos nossos tempos, a própria noção de Tempo foi criada para mediar a nossa conexão com o planeta. A palavra Jornalismo vem de “jour” - dia, em francês. O que determina um dia? É o período em que Gaia completa uma volta em torno de si mesma. Por “Gaia”, nomeia-se o planeta como mais que uma rocha girando no Universo: trata-se de um sistema vivo, em que

Ana Carolina Amaral

Ana Carolina Amaral é jornalista, mestra em Ciências Holísticas pelo Schumacher College e moderadora da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental.



seres e ambiente se alimentam retroativamente, em um ciclo que fomenta o processo da Vida. Ao voltar-se para essa relação essencial com o sistema natural ao nosso redor, o Jornalismo não estaria extrapolando seus limites, mas sim voltando-se para o seu cerne: reconhecendo-se como parte da realidade humana e mais-que-humana.

O jornalismo ambiental será absolutamente necessário para nos

trazer clareza sobre o que vivemos neste século; mas mais do que formar jornalistas, é preciso transformá-los, habilitando-os para um olhar transversal que ligue os pontos e, em um mar de informações soltas, produza conhecimento. Oportunidades como o Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental são valiosas para essa transfor-

sagradas, pesquisadores e estudantes, o CBJA forma um espaço para exercitarmos olhares, descobrirmos outras perguntas, experimentarmos perspectivas e costurarmos novas pautas, engajando o público em histórias que, ao fim, são dele mesmo, e também de uma teia de Vida chamada, para os mais familiares, Gaia.

INOVADORAS ideias e comunicação&sustentabilidade

MISSÃO

Ampliar o conhecimento social da sustentabilidade através do jornalismo e da comunicação.

VISÃO

Ser parte do processo transformador da sociedade em direção à uma economia sustentável.

ATUAÇÃO

Construir parcerias e redes sólidas com os mais diversos atores da sociedade, de forma a impactar a todos os públicos.

envolverde
Jornalismo & Sustentabilidade

11 3034.4887

revista@envolverde.com.br
www.envolverde.com.br

Jornalismo ambiental: muito além da competência técnica

por Wilson Bueno

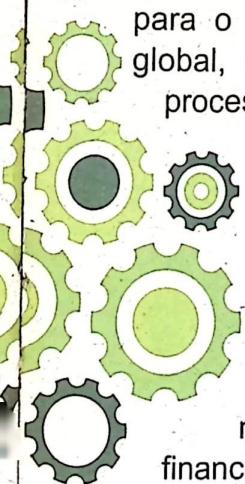
A cobertura de temas especializados, quaisquer que sejam as mídias utilizadas, não pode limitar-se à observância dos atributos que tradicionalmente definem a competência da produção jornalística, como uma pauta relevante, entrevistas bem conduzidas, texto fluente e adequado ao perfil da audiência, ou mesmo uma edição bem cuidada.

Essa observação é particularmente pertinente para a rotina do jornalismo ambiental porque ele se reporta, de maneira indissolúvel, a temas ou questões que estão contaminados por interesses que extrapolam o ethos do jornalismo e da ciência.

Os desafios para uma cobertura ambiental competente não se encerram, portanto, nos aspectos internos inerentes à produção jornalística porque há constrangimentos externos importantes para o desenvolvimento desta prática. De maneira geral, eles podem ser identificados com a) dificuldade (e até a impossibilidade) de acesso a informações relevantes para subsidiar a cobertura ambiental; b) pressões de natureza política ou empresarial que buscam impedir a divulgação de determinados fatos ou informações ou que contribuem para sua distorção; c) comprometimento de

fontes, tidas como respeitáveis, que, dissimiladamente, fazem o jogo dos grandes interesses. No primeiro caso, estão os acordos, explícitos ou não, entre aqueles que patrocinam projetos de investigação, em geral governos ou corporações, e as instituições ou profissionais que os desenvolvem (institutos, empresas de pesquisa, associações acadêmico-científicos ou mesmo cientistas ou pesquisadores individualmente) para que sejam divulgados apenas os resultados que favoreçam os financiadores. Desta forma, os jornalistas (e mesmo a comunidade científica, à exceção dos seus representantes que estão envolvidos nos projetos) apenas tomam conhecimento de resultados parciais das pesquisa, exatamente aqueles que interessam aos patrocinadores e, em muitas situações, o processo de investigação como um todo permanece sob sigilo. Há relatos de procedimentos

“ Países emergentes como o Brasil costumam ser generosos com as corporações, liberando produtos ou processos que envolvem riscos para a saúde e o meio ambiente ”



com esta característica em projetos que dizem respeito aos impactos dos transgênicos ou de agrotóxicos na saúde ou mesmo nas consequências da ação humana e de empresas para o processo dramático de aquecimento global, dentre outros liberando produtos ou processos que envolvem riscos para a saúde e o meio ambiente, já proibidos em outras nações, com a complacência de órgãos técnicos que tomam decisões a partir de informações oriundas das próprias empresas interessadas, como é o caso da CTNBIO, em nosso país. Formas mais sutis de pressão dizem respeito ao financiamento de veículos jornalísticos que endereçam sua cobertura para focos de interesse das empresas e governos, quase sempre ignorando fatos ou informações de interesse público em favor de receitas publicitárias que fluem destas parcerias espúrias.

Finalmente, é preciso reconhecer que fontes tidas como especializadas, dentre os quais se incluem cientistas e pesquisadores de renome, que exibem currículo Lattes invejável, estão sobretudo comprometidas com esses interesses extracientíficos, e se apresentam junto à imprensa como independentes, fazendo circular informações necessariamente não verídicas apenas para favorecer aqueles que financiam seus projetos ou com os quais mantêm vínculo, de forma transparente ou não. Periódicos científicos e associações científicas independentes têm regularmente denunciado o comprometimento de pesquisadores ou cientistas com empresas, muitas vezes emprestando seu nome (e sua reputação) para figurar em artigos que

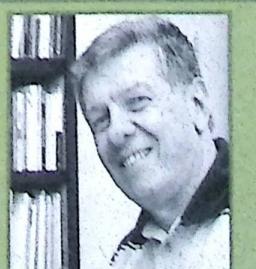
não são de sua autoria, como forma de burlar o sistema de vigilância das publicações. Muitos cientistas e pesquisadores têm sido também recrutados por corporações para desqualificar projetos de pesquisa, realizados por fontes independentes, que chegam à conclusões que comprometem os interesses de organizações poderosas. Laboratórios farmacêuticos, mas também empresas agroquímicas e de biotecnologia, como a **Monsanto**, têm sido sistematicamente denunciados por esta prática não ética e ilícita.

Levar em conta a existência destas distorções que comprometem a cobertura ambiental não No segundo caso, estão os lobbies poderosos de empresas ou governos para impedir que medidas regulatórias ou instrumentos de precaução sejam adotados para evitar a comercialização de produtos considerados perigosos. Países emergentes como o Brasil costumam ser generosos com as corporações, significa assumir que a competência técnica possa ser descartada, quando se considera o “fazer jornalístico”, em particular o associado à cobertura ambiental. A inobservância de critérios técnicos, legitimamente consolidados, penaliza a qualidade das notícias ou reportagens ambientais.

O jornalismo ambiental, efetivamente comprometido com a cidadania, pressupõe o debate abrangente e não viciado da problemática ambiental, a mobilização contra a ação de interesses escusos e o exercício permanente do espírito crítico e investigativo. Na prática, mais do que a competência técnica, ele exigem coragem.

Wilson Bueno

Wilson da Costa Bueno é jornalista, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da **UMESP** (Universidade Metodista de São Paulo), com mestrado e doutorado em Comunicação pela **ECA/USP**. Já orientou mais de uma centena de dissertações e teses em Comunicação e publicou inúmeros livros, um dos quais sobre Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente. É diretor da **Comtexto Comunicação e Pesquisa**.



O espaço da pesquisa acadêmica no Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental

por Ilza Maria Tourinho Girardi

“ O III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental faz o evento voltar às origens ”

Neste ano o Encontro de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental volta a acontecer junto com o nosso congresso. Será a terceira edição e a chamada para trabalhos já foi lançada. A apresentação de artigos científicos iniciou no segundo congresso como mostra, porque seus organizadores entenderam a necessidade de abrir espaço para a academia, pois o jornalismo ambiental já era objeto de estudos nos TCCs, iniciação científica e nos cursos de pós-graduação. Assim aconteceu no terceiro congresso, em Cuiabá. Passou para encontro de pesquisadores no quarto congresso que ocorreu no Rio de Janeiro.

Devido aos problemas

relativos ao financiamento de conferencistas para participarem do encontro durante o quinto congresso que teve lugar em Brasília, o evento de pesquisa foi transferido para Porto Alegre em 2014, com a parceria da CAPES e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental faz o evento voltar às origens, dando oportunidade a todos os participantes do VI Congresso Brasileiro de Jornalismo dar uma espiada na apresentação dos trabalhos, participarem das discussões e contribuírem com o olhar de quem está na prática diária do jornalismo. Esses

momentos são muito ricos e deles podem surgir inspiração, ideias e sugestões para novas pesquisas. A criação das disciplinas de Jornalismo Ambiental e a participação na iniciação científica têm estimulado estudantes da graduação a elaborarem seus trabalhos de conclusão de curso fazendo o cruzamento do jornalismo com os temas ambientais. Isso é muito importante e faz com que os jovens, ao ingressarem na pós-graduação, o façam pelo interesse e em aprofundar a investigação iniciada no TCC ou examinar outro aspecto que precise de um exame mais atento.

Investigação realizada pelo Grupo de Pesqui-

“O cenário poderá melhorar com a criação das disciplinas de jornalismo ambiental nos cursos de jornalismo ...”

sa em Jornalismo Ambiental CNPq/UFRGS localizou no Banco de Teses do Portal de Periódicos da CAPES/MEC, entre os de 1987 a 2010, 101 trabalhos. Desses, oito eram teses, 90 dissertações de mestrado e três de mestrado profissionalizante. Outro dado relevante é que as pesquisas se concentram nas regiões sul, com 20 trabalhos e sudeste com 51. Isso mostra que as pesquisas precisam ser incremen-

tadas nas demais regiões do país. O cenário poderá melhorar com a criação das disciplinas de jornalismo ambiental nos cursos de jornalismo atendendo às Novas Diretrizes Curriculares que mencionam a necessidade da formação de profissionais que compreendam o seu papel na busca da justiça social, bem como na construção da cidadania e de uma sociedade sustentável:

No último encontro tivemos a apresentação de 20 comunicações livres, cinco trabalhos de iniciação científica e três relatos de experiências. Neste ano esperamos que o número de participantes aumente, pois a pesquisa funciona como uma espécie de observatório que mostra como as coberturas estão sendo realizadas e o que é preciso melhorar para que o jornalismo desempenhe bem a sua função na sociedade.

Ilza Maria Tourinho Girardi

Possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1975), mestrado em Comunicação pela Universidade metodista de São Paulo (1988) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2001). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Ambiental.





**Criar uma Reserva Particular
do Patrimônio Natural
integrada ao tecido urbano:
é esse o desafio proposto
pelo Sesc em Bertioga**

Em um ano de pesquisa, foram identificadas 539 espécies de fauna e flora vivendo em uma área de 60 hectares de Mata Atlântica, localizada a apenas dois quilômetros do centro de Bertioga, no litoral paulista.

Nessa área, o Sesc está criando uma RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural. Será uma unidade de conservação situada em zona urbana, protegendo um ecossistema ameaçado de extinção e valorizando as identidades culturais locais.

A comunidade participou do processo de caracterização e planejamento da área, do qual surgiram iniciativas como o Coletivo Educador de Bertioga e a Rádio Reserva. O Sesc busca assim combinar conservação da natureza, participação comunitária, pesquisa científica e educação ambiental.

**Saiba mais em
sescsp.org.br/reservanatural**



História e futuro da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental

Alberto Villar Belmonte

Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (na sigla em inglês) foi fundamental para a consolidação do ecologismo ambiental como uma especialização de ensino no Brasil. A mobilização dos jornalistas para a Cúpula da Terra, que ocorreu no Rio de Janeiro (RJ) entre os dias 3 e 12 de junho de 1992, foi a origem da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA).

todos os jornalistas que
n parte das primeiras
urações da RBJA
aram dos cursos prepa-
realizados antes da
ência, em diversos
os brasileiros. A ideia de
articulação especializada
antes mesmo da internet
sugerida pela jornalista
John no Seminário para
stas sobre População e
Ambiente realizado no
de novembro de 1989, em
sília (DF), pela Federação

Nacional dos Jornalistas
(Fenaj).

- Creio que devemos nacionalizar alguns temas que sejam locais e que mereçam uma cobertura mais global de toda a imprensa. Então, eu não sei se a Fenaj centralizaria isso, ou se a gente formaria algum clube para passar algumas dessas informações. Por exemplo, uma pessoa de Goiás que descobre lá um rio contaminado, alguma coisa que julgue de importância a ser discutido com toda a imprensa, que passe essa informação, que às vezes a gente não tem e cada um faria sua matéria na forma de uma campanha de toda a imprensa em torno desses temas.

Esta proposta da jornalista Liana John apresentada no final dos anos 1980 foi colocada em prática por um grupo de jornalistas na primeira metade

“A ideia de uma articulação especializada surgiu antes mesmo da internet e foi sugerida pela jornalista Liana John no Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente”

dos anos 1990 nas conferências eletrônicas do Alternex, serviço pioneiro de comunicação lançado em 1992 pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Poucos jornalistas utilizavam e-mail na época. Em função disso, a presença nas conferências era limitada. ARBJA ainda não estava pronta.

A Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental nasceu de fato no segundo semestre de 1998. A meu ver não podemos apontar uma data de nascimento, apenas um período, pois nestes primeiros meses foram várias

tentativas de configuração. A sua formação, como uma rede de e-mails - tramada para articular os jornalistas interessados nos temas ambientais, ocorreu depois de vários encontros presenciais e de alguns anos de experimentação online.

Além da troca de experiências e ajuda profissional, era também objetivo original da RBJA avaliar a qualidade do jornalismo ambiental brasileiro, nesta época já consolidado como uma especialização temática. Este viés crítico é característica do Núcleo de Ecojornalistas

do Rio Grande do Sul (NEJRS), entidade responsável, junto com a Pangea/Agir Azul, pelos primeiros anos de vida da rede que em 2015 completa 17 anos. Está, portanto, quase no fim da adolescência.

A maturidade da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental passa necessariamente, à meu ver, pela sua transformação em entidade (Liana John sugeriu um clube em 1989) nos moldes da Andi e da Abraji no Brasil, ou do IRE e da SEJ nos Estados Unidos. Criar projetos colaborativos - de reportagens e de pes-

quisa - é a vocação da RBJA e uma grande oportunidade neste mundo de realidades compartilhadas e de mudanças estruturais no Jornalismo.

“Criar projetos colaborativos - de reportagens e de pesquisa - é a vocação da RBJA”



Roberto Villar Belmonte



Jornalista especialista em Estudos Linguísticos do Texto e mestre em Comunicação e Informação. Um dos criadores da Redcalc e da EcoAgência Solidária de Notícias Ambientais.

Em defesa do clima



nte em defesa do clima. Assume o compromisso de reduzir 43% das
es de efeito estufa até 2030, incluindo a redução de 37% até 2025.
meta, além de acabar com o desmatamento
s ambientais em diversas áreas. Na m
45% de fontes renováveis, incluind
le apenas 13%.

l reduzindo as emissões para proteger as futuras gerações.

A relevância do Jornalismo Socioambiental

Em memória de D. Margaria d'Oliveira, para Isabella Araripe e
a todos os jovens que militam ou irão militar no Jornalismo

A close-up photograph of a person's hands, likely belonging to an elderly individual given the skin texture. The hands are shown from the side, with the thumbs pointing upwards towards the top edge of the frame. In the background, a printed page with text is visible, though it is mostly cut off at the top. The lighting is focused on the hands, making the skin tone stand out against the lighter background.

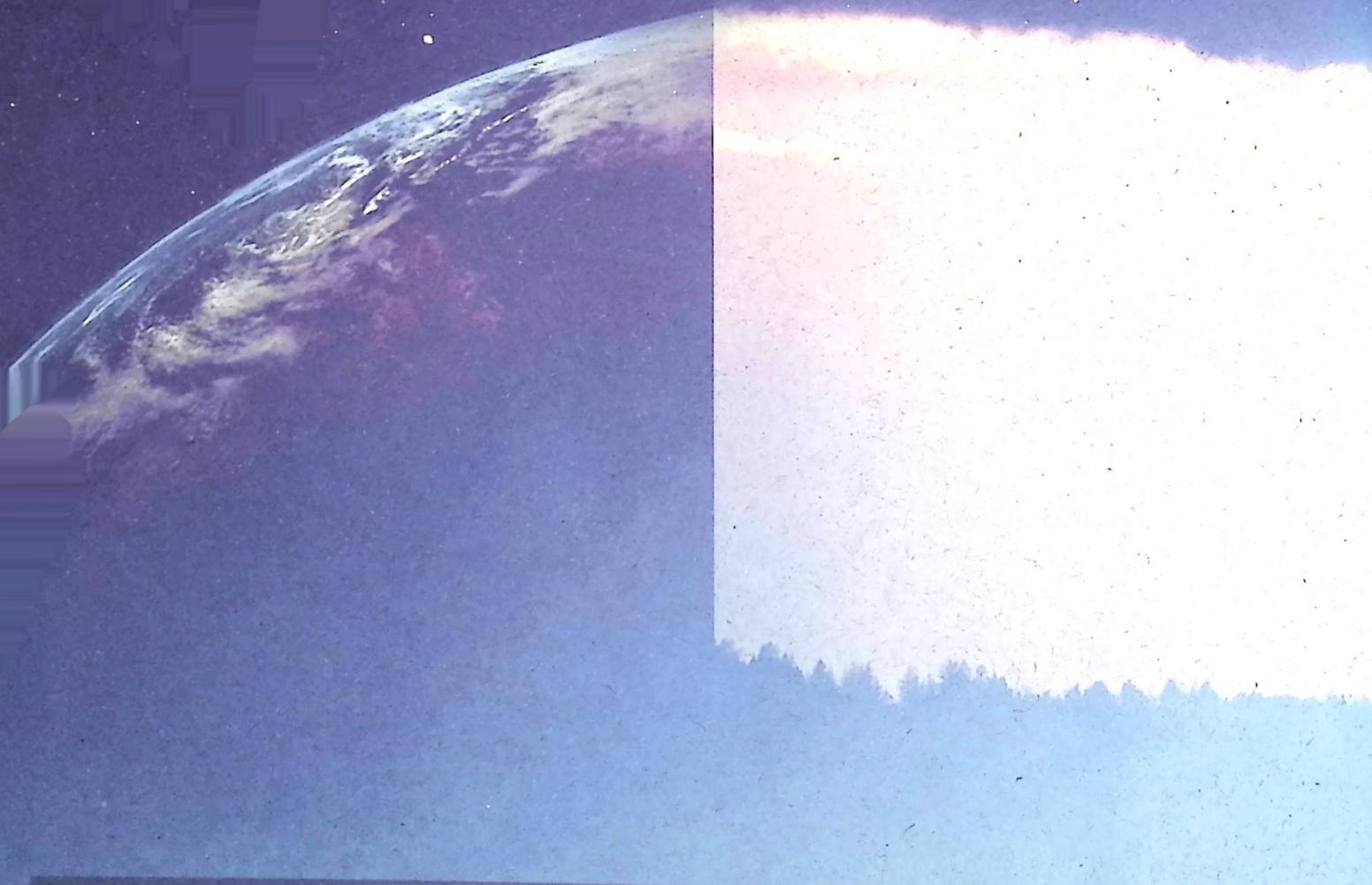
idiomas e dialetos. Pode ser. Mas o bom é velho Jornalismo continua o mesmo. O que apura, o que denuncia, descortina, faz serviço, informa e transforma. Mudam as formas, os meios, as tecnologias. Ficam os princípios.

D. Margarida não se acostumaria, sem dúvida, com o que ela sempre chamava de “modernidades”. Mas, uma mulher sempre à frente de seu tempo – que ficou viúva jovem e criou os três filhos homens com altivez e coragem – sempre soube reconhecer o valor do Jornalismo atual. Como nos ensinou o valor da cultura, dos livros, da mídia. Isso, ainda nos anos 60 e 70..

Teria orgulho da neta e da bisneta jornalistas, trabalhando incansavelmente para bem informar, formar, transformar. Bisavó e bisneta, infelizmente, não chegaram a se conhecer.

“ Mas o bom é velho
Jornalismo continua o
mesmo. O que apura, o
que denuncia, descortina,
faz serviço, informa e
transforma. Mudam as
formas, os meios, as
tecnologias. Ficam
os princípios .”

Em defesa do clima



O Brasil sai na frente em defesa do clima. Assume o compromisso de reduzir 43% das emissões de gases de efeito estufa até 2030, incluindo a redução de 37% até 2025. Para alcançar a meta, além de acabar com o desmatamento ilegal, o governo federal adotará políticas ambientais em diversas áreas. Na matriz energética, o Brasil pretende assegurar 45% de fontes renováveis, incluindo as hidrelétricas, enquanto a média global é de apenas 13%.

É o Brasil reduzindo as emissões para proteger as futuras gerações.

A relevância do Jornalismo Socioambiental

Em memória de D. Margaria d'Oliveira, para Isabella Araripe e a todos os jovens que militam ou irão militar no Jornalismo

por Sônia Araripe

Os mais açodados têm alardeado que o Jornalismo pode estar com os seus dias contados e que mídias seculares, como o rádio e o jornal impresso, correm o risco de simplesmente desaparecer. Os últimos informes realmente não são alvissareiros. Mas há, sim, registros firmes assegurando que as cassandras de plantão têm, felizmente, tudo para errar na previsão.

As inovações tecnológicas estão, sem dúvida, provocando uma verdadeira revolução na vida moderna e, consequentemente, na forma com que geramos e consumimos informação. Minha querida avó, Margarida d' Oliveira – fã de todo tipo de livros, especialmente os de poesia e romance policial, tendo-se arriscado a produzir alguma de boa qualidade – jamais imaginaria, no início do Século 20, que um dia sua bisneta, minha filha, se tornaria uma qualificada jornalista de mídias digitais. A neta – no caso, esta que vos escreve – ainda pegou a transição do jornalismo analógico para digital. Comecei a trabalhar com máquinas de escrever pesadas e inesquecíveis. Meninos, é verdade, vi o nascer dos primeiros computadores, a chegada da Internet; as buscas eram feitas em bibliotecas e arquivos de jornais em papel escurecido.

Nem por isso, o meio jornal deixou de existir e muito menos a tradicional rádio. Os pessimistas de plantão se apressarão em dizer que conteúdo pode ser encontrado em gigabites nos mais diversos provedores nos mais diferenciados

idiomas e dialetos. Pode ser. Mas o bom e velho Jornalismo continua o mesmo. O que apura, o que denuncia, descortina, faz serviço, informa e transforma. Mudam as formas, os meios, as tecnologias. Ficam os princípios.

D. Margarida não se acostumaria, sem dúvida, com o que ela sempre chamava de “modernidades”. Mas, uma mulher sempre à frente de seu tempo – que ficou viúva jovem e criou os três filhos homens com altivez e coragem – sempre soube reconhecer o valor do Jornalismo atual. Como nos ensinou o valor da cultura, dos livros, da mídia. Isso, ainda nos anos 60 e 70..

Teria orgulho da neta e da bisneta jornalistas, trabalhando incansavelmente para bem informar, formar, transformar. Bisavó e bisneta, infelizmente, não chegaram a se conhecer.

“Mas o bom e velho Jornalismo continua o mesmo. O que apura, o que denuncia, descortina, faz serviço, informa e transforma. Mudam as formas, os meios, as tecnologias. Ficam os princípios”



Jornalismo e passado, presente, futuro

por Vilmar Sidnei Demamam Berna

O jornalismo ambiental surge e se fortalece no Brasil e no mundo como um crescente interesse da sociedade pelas questões ambientais, especialmente a partir da década de 60. É um tipo de jornalismo e de mídia que nasce da dor, da perplexidade diante dos fatos, que cresce a cada divulgação de grandes impactos ambientais.

A chamada Mídia de Massa, por sua própria função e natureza social, faz uma cobertura genérica, horizontal, sobre os diversos assuntos do interesse do público, sem se propor a dar mergulhos verticais em assuntos especializados, como os temas socioambientais. O jornalismo e a mídia ambientais surgem para preencher estas lacunas. De certa forma, são mídias complementares.

E aí, dois grandes desafios: por um lado, como capacitar o profissional na área da comunicação, seja na mídia de massa ou na mídia especializada e, compreendendo não apenas o jornalista, mas também os publicitários, relações públicas, diante das enormes complexidades da questão socioambiental, principalmente diante de um cenário de agravamento das mudanças climáticas? E, por outro, como a mídia ambiental pode financiar uma informação que o público precisa, mas não se dispõe a pagar por ela? 179 países participantes do Rio 92, de certa forma responderam a esta pergunta no capítulo 40.26 da Agenda 21 Global: "(...) sempre que existam impedimentos econômicos ou de outro tipo que dificultem a oferta de

informação e o acesso a ela, particularmente nos países em desenvolvimento, deve-se considerar a criação de esquemas inovadores para subsidiar o acesso a essa informação ou para eliminar os impedimentos não econômicos." Mas ainda falta tirar das promessas.

Apesar de viver à mingua, o jornalismo e a mídia socioambientais cumprem a importante função social – claro, na medida de duas possibilidades –, de oferecer informação de qualidade, de forma regular, e cobrindo as diferentes áreas de interesse mesmo quando o público precisa e não se dispõe a pagar para ter.

“ função social – de oferecer informação de qualidade, de forma regular, e cobrindo as diferentes áreas de interesse mesmo quando o público precisa e não se dispõe a pagar para ter.”

E mesmo dentro do segmento de interesse socioambiental, este se desdobra em sub-



Mídia Ambientais: uma breve visão histórica

interesses responsáveis por uma diversidade de veículos da Mídia Ambiental que cobrem desde os temas ambientais estrito senso, como fauna, flora, biodiversidade, paisagismo, jardinagem, ecoturismo, bem estar, qualidade de vida, até aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, técnicos, e associados à ecologia interior (espiritualidade), etc.

O que está em jogo não é meio ambiente, mas a própria sobrevivência de nossa civilização e a humanidade não está diante de meros modelos

econômicos, mas diante da possibilidade do fim da civilização como a conhecemos.

O jornalismo ambiental tenta expor e mediar este debate, aprofundar a reflexão, mostrar as entrelinhas da notícia revelada na mídia de massa, entretanto, não é uma tarefa fácil.

Nossa civilização abusa muito mais que usa dos recursos do Planeta, e por mais que se reconheça os avanços e se queira lançar o olhar para aspectos, digamos, mais bonitos e positivos da realidade ambiental, o pano de

fundo em que estas boas notícias acontecem ainda é muito ruim.

A informação está como nunca esteve tão ao alcance de qualquer um - com um mínimo de inclusão digital, acesso à web e computadores cada vez mais acessíveis e celulares que só faltam falar. Aliás, falam também. Entretanto, mentiras, meias verdades, verdades tendenciosas e fora do contexto, manipuladoras, também são informações. Mais que nunca, os jornalistas ambientais são requeridos para ajudar o público a

separar o joio do trigo, analisar nessa babel eletrônica o que faz sentido do que é puro besteirol, principalmente diante do agravamento das mudanças climáticas que ameaçam mudar completamente a realidade como a conhecemos.

Neste contexto, os encontros e congressos de jornalismo ambiental são fundamentais para ajustarmos percepções.

Vilmar Sidnei Demamam Berna



Escritor, editor da Revista do Meio Ambiente, fundador e coordenador da REBIA (Rede Brasileira de Informações Ambientais).

Fundação Toyota do Brasil.

Contribuindo para um País mais sustentável.

PROJETO ARARA AZUL

Desde a sua criação, apoia o Projeto, que tirou a espécie da lista brasileira de animais ameaçados de extinção. Ao todo, são monitorados 599 ninhos, em 57 fazendas, e 5 mil aves, no Pantanal sul-mato-grossense.



PROJETO TOYOTA APA COSTA DOS CORAIS

Preserva a fauna e a flora, educando a comunidade local e turistas para conservarem os recifes de corais, áreas de manguezais e a protegerem o peixe-boi marinho. São mais de 185 espécies de peixes protegidas, em 13 municípios entre Alagoas e Pernambuco.



PROJETO AMBIENTAÇÃO

A Toyota capacita, com sua metodologia, mais de 400 mil pessoas, em Indaiatuba (SP), Sorocaba (SP) e Guaíba (RS). Estudantes, pais, funcionários de escolas públicas, fornecedores e ONGs aprendem como consumir menos água e energia elétrica e a gerenciar resíduos.



A Toyota do Brasil tem um cuidado especial com o meio ambiente. Pensando em um futuro mais sustentável, a empresa conta com o apoio da Fundação Toyota, que desenvolve projetos de educação ambiental, capacitação de pessoas e responsabilidade social.

Para mais informações, acesse: www.fundacaotoyotadobrasil.org.br



No trânsito, somos todos pedestres.



PROGRAMAÇÃO VI CBJA

TERÇA-FEIRA 20/10

09h00 CREDENCIAMENTO **ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA**

9h45-18h00 III ENPJA **SALA 3 (Torre A 6º andar)**

19h00-20h10 ABERTURA **TEATRO (Torre A)**

Dal Marcondes – Moderador da RBJA e diretor executivo do Instituto Envolverde
Diretor Geral do SESC São Paulo

Fernando Haddad – Prefeito de São Paulo

ou presença da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo

Patrícia Iglesias – Secretária do Meio Ambiente do estado de São Paulo

Izabella Teixeira – Ministra do Meio Ambiente

20h10-21h10

TEATRO (Torre A)

PALESTRA DE ABERTURA: "Mundo em Transição"

Lúcio Flávio Pinto – Criador do Jornal Pessoal

QUARTA-FEIRA 21/10

09h00 CREDENCIAMENTO

10h00-10h50

TEATRO (Torre A)

PALESTRA DE INSPIRAÇÃO: "O novo fazer do jornalismo ambiental"

Ricardo Garcia – Jornalista do jornal português Público

10h00-12h50

TEATRO (Torre A)

DIÁLOGOS 1: "O Jornalismo e a Cidade"

Luanda Nera – Coordenadora de comunicação da Rede Nossa São Paulo

Amelia Gonzalez – jornalista especializada em sustentabilidade, editora do blog Nova Ética Social, do Portal G1

Mário Evangelista – Editor executivo dos jornais Expresso Popular e A Tribuna de Santos

Mediação: Paulina Chamorro - Editora/apresentadora na Radio Eldorado/ Radio Estadão

13h00-14h30

INTERVALO DE ALMOÇO

TEATRO (Torre A)

RODA DE CONVERSA 1 : "A era da desinformação - a manipulação da opinião pública através da web"

Edgard Matsuki – Jornalista desenvolvedor do site boatos.org

Luciano Martins Costa – Jornalista e escritor

Alan Dubner – Especialista em mídias sociais

Mediação: Ana Carolina Amaral – jornalista, mestra em Ciências Holísticas pelo Schumacher College

SALA 3 (Torre A 6º andar)

RODA DE CONVERSA 2: "Avanços e retrocessos da legislação ambiental"

Mário Mantovani – Diretor de políticas públicas da Fundação SOS Mata Atlântica

Aldem Bourscheidt – Jornalista e especialista em Meio Ambiente, Economia e Sociedade

Adriana Ramos – Jornalista, coordenadora do Programa de Política e Direito Socioambiental do Instituto Socioambiental (ISA)

Mediação: Reinaldo Canto – Jornalista especializado em meio ambiente e sustentabilidade, colunista da CartaCapital e consultor da ONG Iniciativa Verde

SALA 4 (Torre A 6º andar)

RODA DE CONVERSA 3 : "De que jornalismo o amanhã precisa?"

Fred Guedini – Professor e dirigente do Núcleo de Jornalistas Pró Conselho Profissional

Maura Campanili – Diretora do Núcleo de Conteúdos Ambientais – NUCA

Silvia Marcuzzo – Jornalista, diretora da EConvicta Comunicação para a Sustentabilidade

Mediação: João Batista Santaé Aguiar – Jornalista / Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental

16h30-17h00

INTERVALO

TEATRO (Torre A)

DIÁLOGOS 2: "Mudanças Climáticas - A Pauta da COP de Paris"

Ricardo Garcia – Jornalista do jornal português Público

Raquel Rosemberg – Co-fundadora e coordenadora do Engajamundo

Carlos Ritti – Secretário Executivo do Observatório do Clima

Mediação: Maristela Crispim – Jornalista do Diário do Nordeste

17h00-18h30

18h30-20h00

TEATRO (Torre A)

DIÁLOGOS 3: Resíduos Sólidos – Os desafios do século 21

André Vilhena – Diretor do CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem)

Fernando Von Zuben – Diretor de meio ambiente da Tetra Pak

Gina Rizpah Besen – Pós doutora do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade

de São Paulo e colaboradora do Observatório da Política Nacional de Resíduos Sólidos

Mediação: Daniela Vianna – Sócia da EcoSapiens Comunicação e jornalista

membro da RBJA

QUINTA-FEIRA 22/10

09h00

CREDENCIAMENTO

10h00-11h50

TEATRO (Torre A)

DIÁLOGOS 4: "Crise de abastecimento de água e energia – A pauta da urgência"

Maria Zulmira (Zuzu) – Jornalista da Planetaria Soluções Sustentáveis e criadora
do repórter Eco na TV Cultura

Cláudia Diani – Assessora de comunicação social da ANA (Agência Nacional de Águas)

Nelson Friedrich – Diretor de coordenação executiva da Itaipu Binacional, coordenador
do Programa Cultivando Água Boa

Mediação: Júlio Ottoboni – Jornalista científico e articulista para o Portal Envolverde .

11h50-13h40

TEATRO (Torre A)

DIÁLOGOS 5: "Convergência de mídias e novos negócios no jornalismo"

Gustavo Faleiros – Coordenador da Earth Journalism Network (EJN) e editor
do site InfoAmazonia.org

Bruno Torturra – Criador do Estúdio Fluxo

Ricardo Voltolini – Publisher da revista Ideia Sustentável

Mediação: Dal Marcondes – Jornalista moderador da RBJA e diretor executivo
do Instituto Envolverde

INTERVALO DE ALMOÇO

TEATRO (Torre A)

RODA DE CONVERSA 4: "Jornalismo ambiental investigativo"

Mário Osava – Jornalista da Inter Press Service (IPS)

Sérgio Lírio – Redator chefe da revista CartaCapital

Natalia Viana – Jornalista da Agência Pública

Mediação: Wilson Bueno – Jornalista, diretor da Comtexto Comunicação e Pesquisa e
professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UMESP

SALA 3 (Torre A 6º andar)

RODA DE CONVERSA 5 : "Segurança alimentar"

Gabriela Yamaguchi – Gerente de comunicação do Instituto Akatu

Arnealdo de Campos – Secretário nacional de segurança alimentar e nutricional

Susana Prizendt – Coordenadora da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos no
estado de São Paulo

Mediação: Neuza Árbocz – Jornalista da revista Horizonte Geográfico

SALA 4 (Torre A 6º andar)

RODA DE CONVERSA 6: "A cobertura do tema BIODIVERSIDADE"

Juliana Arini – Jornalista ambiental e coordenadora de comunicação do Instituto Xaraiés

Neiva Guedes – Bióloga e coordenadora do projeto Arara Azul

Liana John – Jornalista ambiental da Camirim Editorial

Mediação: Andréa Viali – Jornalista especialista em Meio Ambiente e Sustentabilidade

INTERVALO

TEATRO (Torre A)

PALESTRA DE ENCERRAMENTO

André Trigueiro – Editor-chefe do programa Cidades e Soluções da Globo News

TEATRO (Torre A)

PLENÁRIA DA Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental

Facilitadores :

Dal Marcondes

Efraim Neto

Ana Carolina Amaral

João Batista Santafé Aguiar

17h00-17h30

17h30-18h30

18h30-20h00

20h00

ENCERRAMENTO

*Katerine Karageorgiadis
(Consea)*

*Conselho
CONSEA*



CONVIDADOS

VI CBJA

Congresso Brasileiro
de Jornalismo Ambiental

AS EMBALAGENS DA TETRA PAK® ESTÃO AINDA MAIS VERDES.

Todas as embalagens da Tetra Pak® produzidas no Brasil, além de 100% recicláveis, contam com matérias-primas renováveis. Agora, além do papel proveniente de florestas certificadas pelo FSC® (Forest Stewardship Council®), as camadas de plástico são derivadas da cana-de-açúcar, uma inovação da Braskem.

22/10/15.

Custaldo Falcões



O plástico verde agora faz parte das camadas de proteção das embalagens da Tetra Pak®.



- EJN
- earthjournalism.
- Geojournalism
- *geojournalism*
- TED Maps for WordPress (Theme do WordPress)
- Courses
- EKUATRIAL
- Oxpeckers

Global Forest Watch

do WRI

Envolvimento da
Comunidade de Desenvolvedores
4 hackers 4
1 Maestrado de Águas
2014

journalism global



@grifalei

Contexto Infraamazonia. 18



Tetra Pak®
Embalagens
100% recicláveis.

Saiba mais em
www.tetrapak.com.br

Braskem | I'm green

A marca do bambu
florestal responsável